



A RESSIGNIFICAÇÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO NA SÉRIE SENSE8.

Marília Silva de Almeida¹ (IC) , Guilherme Figueira-Borges² (PQ)

marilialmeida008@gmail.com

^{1,2} Universidade Estadual de Goiás — Campus Morrinhos. R. Quatorze, 327 - Jd. América, Morrinhos - GO, 75650-000

Resumo: O presente trabalho teve como propósito analisar as construções de gênero que permeiam a sujeito-personagem Sun Bak na série Sense8 a partir de noção do campo Análise do Discurso Francesa. A partir das análises é possível vislumbrar a estruturação histórica do que se idealizado quanto ao padrão de gênero feminino que se canonizou na sociedade. Observar essas manifestações cristalizadas, permite que compreendamos os exercícios de poder (Foucault, 2014) que no corpo da mulher e deste modo tendem a vir o balizar, ditando socialmente, aquilo que é visto apropriado para ser realizado, dito e feito por ela nas práticas sociais. Compreendendo a construção de gênero de Sun Bak, podemos entender a resignificação de discurso nas práticas sociais, delineando a resistência a determinados padrões de gênero e analisando a instauração de outros papéis a mulher contemporânea.

Palavras-chave: Gênero. Mulher. Sociedade. Resignificação. Sun Bak.

Introdução

Com este trabalho, buscamos observar a resignificação dos papéis de gênero através da realidade da sujeito-personagem Sun Bak, que nos é apresentada na série Sense8. Por meio dessa perspectiva, analisamos a construção de gênero desta sujeito-personagem a partir da resignificação de discursos nas práticas sociais, bem como delinear as práticas de resistência a padrões de gênero cristalizados historicamente, por fim, analisar a instauração de outros papéis a mulher na sociedade contemporânea.

A série Sense8, lançada em 8 de agosto de 2015, das criadoras de “Matrix” (Lilly e Lana Wachowski) e “Babylon 5” (J. Michael Straczynski), sense8 conta a história de oito estranhos ao redor do mundo, cada um de uma cultura e país diferente que em determinado momento passam a possuir uma conexão telepática e



única, que entrelaça suas vidas como uma só, os oito, passam a ser nomeados como sensetes. Sendo capazes de se comunicar, sentir e apoderar-se do conhecimento, linguagem e habilidades dos outros, descobrem-se emocionalmente e mentalmente ligados. Conforme tentam descobrir como e porque esta conexão aconteceu, também precisam encontrar um meio de sobreviver não só as adversidades de suas rotinas, mas também as proporcionadas pela ligação.

Sun Bak, interpretada por Doona Bae, nascida e criada em Seoul, Coreia do Sul, apesar da construção patriarcal da sociedade sul-coreana, a personagem ocupa um importante cargo na empresa de sua família, no caso o de CFO (Chief Financial Officer), além de participar do mundo do kickboxing underground, transgredindo inúmeros padrões determinados para as mulheres. De seus relacionamentos mais presentes na narração, temos Joong-Ki Bak (Lee Ki-chan), seu irmão, que assume uma das posições de antagonista na história da senhorita Bak.

Material e Métodos

Buscando analisar o discurso apresentado pela sujeito-personagem, nos embasamos em textos fundadores (Foucault, 2014) e Nietzsche (1996) e textos comentadores como, por exemplo, Milanez (2009) e Orlandi (1999) com abordagem foucaultiana ao lançarmos o olhar para uma série de recortes de imagens de cenas da série. Através destes, notamos e compreendemos o processo de docilização do corpo feminino em pesquisa, traçando o processo de ressignificação do papel de gênero que ele proporciona no meio social e por consequência, percebendo o modo como ocorre a transgressão de Sun Bak.

Resultados e Discussão

Trabalhando com a ideia de corpo e discurso, sabemos que devemos visualizar o modo que o primeiro permeia pelo segundo, ou seja, fazer a análise de sua incidência na matéria. Por isso, não devemos visualizá-lo apenas como a constituição física vislumbrada corriqueiramente. Ou seja, como aquela que estuda, trabalha, se exercita e afins, mas sim como aquele corpo que traz toda uma



bagagem histórica-social. É preciso o ver como um todo, levando em consideração o lugar em que ele se estabelece, bem como o tempo e a forma que se encontra. O delinear dele deve dizer o porque deste corpo se mostrar deste ou daquele modo.

Graças a esse olhar, podemos observar o que nomeamos como corpo discursivo. Aquele que pode ser visto como um enunciado discursivo em sua materialidade, passível de deslocamentos que delineiam um tipo discursivo de sujeito, que traz um motivo para aparecer ali daquela forma. Como citado no texto, em Arqueologia do saber, Foucault define a prática discursiva através do trecho:

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2000, p. 136).

Sendo assim, sabemos ser possível que o corpo venha a transmitir uma manifestação discursiva, resta-nos traçar que tipo de conhecimento este ira produzir. Observando o corpo de Sun Bak, através de uma óptica sócio histórica, não excluindo de forma alguma, toda a bagagem construída ao seu redor, essa que pode ser capaz de responder variadas perguntas a respeito do enunciado produzido, encontramos uma mulher educada e moldada por uma sociedade patriarcal, machista, sexista e que não teme ao deixa-la na sombra dos homens ao seu redor.

Apesar de o discurso estar relacionado ao corpo, o corpo não precisa mostrar-se por inteiro para que exista um enunciado. Por exemplo, ainda no primeiro episódio de Sense8, somos apresentados a uma situação em que Sun Bak deve receber um cliente da empresa de sua família, este, Sr. Yuen. Logo que o identificamos, também notamos os dogmas sociais sul coreanos que favorecem os homens ao passo que coloca em terceiro plano as mulheres.

Num breve diálogo, Yuen dispensa a negociação com Sun por acreditar que tal poder não lhe cabe, seguindo sua fala com a frase: *“Look, I came here to make a deal, women do not leave anything. They only know how to open.”*, em que vemos a reação da senhorita Bak ser transmitida com um cerrar de punho. Uma única parte de seu corpo transmite uma mensagem e forma uma marca identitária. Vemos pelo retesar, o conter de uma resposta aberta a fala de Yuen. Consideramos, a partir de

um viés discursivo, que “a mão ou, mais precisamente, até o borrão do dedão sobre o papel, são marcas identitárias construídas discursivamente na relação do sujeito frente às posições que assume” (MILANEZ, 2009, p. 217). A prática de cerrar de punhos de Bak pode ser percebida pelas imagens à seguir:



Fonte: sense8, de Lily e Lana Wachowski e J. Michael Straczynski

Episódio um — Primeira temporada

O processo docilizador nessa cena se encontra na não reação contida da personagem feminina. Essa que se encontra em uma situação em que a mulher é vista como um corpo unicamente sexual, mesmo estando dentro de seu local de trabalho, este, que é subestimado exclusivamente por se tratar de uma mulher. Tais visões machistas sobre a mulher não são discurso reproduzidos apenas por um único homem, mas oriundos de um quadro histórico social.

Como o discurso se materializa na linguagem, ele deve ser encarado como mutável, uma construção maleável que pode ser balizada das mais diversas formas. Nietzsche inicia a discussão sobre a “verdade” e a “mentira”, enquanto construções de linguagem, delineando o quão efêmero é o conhecimento humano. Ele critica o fato de o intelecto humano estar à frente da Natureza o que causa um sentimento de banalidade. O conhecimento é exibido como “uma cegueira pousada sobre os olhos e sentidos dos homens” (NIETZSCHE, 1996, p.53), o que o torna enganoso e de natureza oscilante.

Por este ser um saber construído através da linguagem, nós, humanos, somos capazes de mentir, ludibriar, nos mascarar quase dissimuladamente, nos



mergulhando em ilusões e imagens de sonho. É possível afirmar que o conhecimento não é utilizado apenas para firmar a existência de alguém, mas também para que ele se enquadre nas práticas sociais como um peça num jogo de xadrez, e consiga viver em sociedade, movimentando-se dentro do nosso corpo social.

Neste ponto, o conhecimento não é utilizado apenas para firmar a existência de alguém, mas também para que aquele que o utiliza, consiga viver em sociedade, e assim, também usamos o conhecer para evitar confrontos dentro do nosso corpo social, posto que os sujeitos apresentam, como afirma Nietzsche (1996), uma tendência a viver em rebanho, e a guerra certamente o separa de seu coletivo. O intelecto então, além de portar um caráter duvidoso, parece também trazer um jogo de falsidade, onde quem o melhor administra, permanece mais próximo da “verdade”.

Vemos esse jogo de verdade e mentira relacionado à personagem Sun Bak, em determinados pontos do decorrer da primeira temporada da série Sense8. Ainda que sua força não esteja vinculada à força física, a sul coreana nos mostra como consegue manusear com cuidado as informações relacionadas aos roubos de seu irmão Joong-Ki, em uma jogada que exige que omita por certo tempo sua ciência dos crimes relacionados a empresa.

Entretanto, no episódio seis, a vemos assumir a responsabilidade dos crimes cometidos por seu irmão, Joong-Ki, que social e historicamente deveria herdar a empresa do pai. Sun bak acaba sendo quem lhe fornece essa possibilidade, permitindo que não só ele, mas como também a empresa sobreviva ao escândalo, uma vez que, quando assume os crimes do irmão, ela escamoteia a crise da empresa pois sua posição dentro da empresa como CFO passa despercebida por ser uma mulher. A verdade aqui, passa a ser modificada para favorecer os interesses dos sujeitos-personagens, montando o dito jogo de verdades.



Fonte: sense8, de Lily e Lana Wachowski e J. Michael Straczynski

Episódio três — Primeira temporada

Como a verdade é construída, quando Sun Bak assume toda a responsabilidade dos crimes, a verdade em que Joong-Ki é o causador destes, se rompe. Uma vez que ela e o pai encontram-se cientes de que a empresa não sobreviveria ao escândalo relacionado ao irmão, torna-se favorável que ela, mulher, em uma sociedade patriarcal, assuma as responsabilidades pelos crimes sem prejudicar a imagem da empresa. Neste momento, a consequência da realidade que até então permanece, parece um preço muito alto a se pagar. Portanto, a linguagem delimita a realidade que é vivida pelos sujeitos-personagens na trama narrativa.

Considerações Finais

Concluimos com a afirmação de que todo corpo é passível de um processo docilizador, mesmo que apresente suas variadas nuances e níveis. Sun Bak não se mostra uma exceção, apesar de ser uma transgressora de determinados padrões, como, por exemplo, a forma que foge ao modelo de feminilidade, ressignificando o discurso cristalizado quanto a fragilidade da mulher, resistindo ao molde canonizado como pertencente ao gênero feminino, porém sendo constituída por outro. Sua construção é dada a partir das artes marciais, mostrando-nos um novo papel para a mulher dentro da sociedade, ou ao menos para seu grupo Sese8; e constituindo-a como uma mulher combatente e destemida.



Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pelo fomento destinado a realização desta pesquisa.

Referências

FOUCAULT, Michel. “Corpos Dóceis”. In: **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editoras Vozes, 2014.

MILANEZ, Nilton. **Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso**. Vitória da Conquista, Bahia: 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. “Sobre Verdade e Mentira No Sentido Extra-Moral”. In: **Obras incompletas**. São Paulo: Editoras Globo, 1996.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. São Paulo: Pontes. 1999.

REALIZAÇÃO